



VOZ DA FÁTIMA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLV — N.º 549
13 DE JUNHO DE 1968
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Encerramento solene do Cinquentenário da Fátima

O SANTO PADRE PAULO VI ESTEVE EM ESPÍRITO NA FÁTIMA, ENVIANDO DE ROMA UMA RADIOMENSAGEM, AQUI ESCUTADA COM EMOÇÃO E QUE PUBLICAMOS A SEGUIR.

Caríssimos peregrinos do Santuário de Fátima:

A Nossa voz une-se, nesta hora, às vossas, para honrar Maria Santíssima, Mãe bendita de Nosso Senhor Jesus Cristo e, convosco, tem intenção de celebrar a singular plenitude de graça que Deus Lhe conferiu, para que Ela fosse, para toda a humanidade, a criatura eleita e exemplar, a «causa da nossa alegria», a fonte dulcíssima da nossa esperança, a nossa advogada puríssima junto da Misericórdia Divina.

Convosco, também Nós A saudamos, A veneramos, A bendizemos; todos juntos, nós queremos oferecer-Lhe os nossos corações, com a devoção mais sincera, com a afeição mais filial, com a promessa mais decidida de fidelidade a Cristo e à Santa Igreja, da qual nós professamos que Ela é mãe piedosa e clemente.

E, em união convosco, filhos caríssimos, Nós pedimos à Santíssima, à Beatíssima Virgem Mãe de Cristo, como já o fizemos o ano passado, nesse local a Ela particularmente dedicado, que, mediante a Sua intercessão, seja alcançada a paz interna para a Igreja Católica, pela virtude do Espírito Santo, e a paz externa para o Mundo, ainda turbado por dolorosos conflitos e por lutas contrárias à fraternidade humana.

Pedimos-Lhe ainda pela integração, na unidade da Igreja, dos irmãos cristãos, separados de nós; pedimos-Lhe também pelas Missões Católicas, espalhadas sobre a Terra; e, finalmente, pedimos-Lhe por todos vós, que neste momento vos encontráis reunidos no Santuário de Fátima: que Ela vos conforte, vos proteja e vos abençoe.

Queremos confirmar estes votos, com a Nossa bênção especial, para vós pessoalmente, para os vossos entes queridos, para as vossas terras, ao mesmo tempo que, em confiante união de espírito, saudamos o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, o Senhor Cardeal Nosso enviado especial, os Senhores Bispos, os Sacerdotes, os Religiosos e Religiosas e todos os fiéis aí reunidos, com as Autoridades Cívicas e os peregrinos provenientes de várias nações; para todos imploramos, com a celeste protecção de Maria, as mais copiosas graças do Senhor.



MONUMENTO A PAULO VI ERGUIDO À ENTRADA DO SANTUÁRIO DA FÁTIMA, JUNTO À CRUZ ALTA, NA PRAÇA PIO XII, SOLENEMENTE INAUGURADO NA TARDE DE 12 DE MAIO PELO EMMO. CARDEAL FELICI. O SR. CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA E OUTROS BISPOS PORTUGUESES TOMARAM PARTE NA CERIMÓNIA.

OS ACTOS DA PEREGRINAÇÃO

AS comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria encerraram-se solenemente nos dias 12 e 13 de Maio. O Papa Paulo VI, que havia honrado com a sua Augusta Presença a abertura do Cinquentenário, fez-se agora representar pelo Cardeal Péricles Felici, que chegou a Lisboa no dia 11.

Dias antes, já o Santuário ia apresentando o característico cenário de milhares de peregrinos que iam chegando de todo o país. As cerimónias do tríduo preparatório foram concorridas por muitos peregrinos que já se encontravam na Fátima.

No dia 12, às 6.30, centenas de fiéis tomaram parte numa via-sacra colectiva, pela Igreja do Silêncio. Na capela do Calvário Húngaro, o Senhor Bispo de Leiria concelebrou juntamente com o Bispo de S. Francisco, da Argentina, a primeira diocese do mundo

consagrada a Nossa Senhora da Fátima. À homilia, o Senhor D. João Pereira Venâncio referiu as intenções daquelas cerimónias: a Igreja do Silêncio e a paz do Vietname. Mais tarde, na Casa do Beato Nuno, era celebrada, por autorização do Senhor Bispo de Leiria, uma missa em rito anglicano.

Às 17 horas, o Senhor Bispo de Leiria inaugurou a I Exposição Internacional Filatélica de Temática Mariana.

Conforme estava previsto, pouco depois das 19 horas chegava ao Santuário da Fátima, vindo da Batalha, Sua Eminência o Cardeal enviado de Paulo VI às cerimónias do encerramento do Cinquentenário.

Sua Eminência foi cumprimentado pelos Prelados presentes, tomando em seguida lugar na tribuna erguida próximo da Cruz Alta, onde foi saudado pelo Senhor Bispo de Leiria.

SAUDAÇÃO DO SR. BISPO DE LEIRIA

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor

Não sei de que palavras me poderia servir para exprimir cabalmente os sentimentos de alegria e de gratidão que me irromperam da alma ao receber a faustosa notícia da vinda de V. Em.ª Rev.ª a este Santuário, como alto Representante do Sumo Pontífice. É esse mesmo júbilo e profundo reconhecimento que me inundam o coração no momento em que vemos satisfeito o nosso anseio ardente e a nossa esperança se transforma em consoladora realidade.

E se é certo, Eminência, que a suma dignidade da Augusta Pessoa do Sumo Pontífice nos tornaria digno de estima e apreço o enviado de Sua Santidade a estas celebrações, fosse ele quem fosse, não é menos verdade que dificilmente poderia Sua Santidade escolher pessoa cuja presença nos fosse tão simpática e querida. É que, à honra especial de que a escolha do Vigário de Cristo para tão nobre missão nesta hora nimba a frente de Vossa Eminência, serve-lhe de base e fundamento o conjunto de admiráveis qualidades humanas, de talento, de primorosa educação e larguíssima cultura humanística e eclesiástica, de fino trato social e rara habilidade para os contactos humanos, aliado à posse de excelsas virtudes cristãs e de tão larga folha de serviços e benemerências para com a Santa Igreja que, com a maior justiça, o fizeram ascender à alta dignidade da Púrpura Romana. Bastaria, se mais não houvesse, recordar aqui o papel singular por Vossa Eminência desempenhado, com a maior prudência e profundo conhecimento dos homens e dos problemas, durante o II Concílio Ecuménico do Vaticano que revelou ao mundo a sua riquíssima personalidade. Recordo-o com saudade e com alegria por ter sido a oportunidade de Vossa Eminência reafirmar os dotes extraordinários rece-

bidos da Providência ou adquiridos com o próprio esforço ao longo dos anos.

Cumpre-me, por isso, Eminência Reverendíssima, dar-lhe as boas vindas e a esta saudação, cheia de respeitosa estima, juntar a pública manifestação do nosso agradecimento em meu nome pessoal, em nome deste Santuário e da diocese de Leiria e no de todos os peregrinos e devotos de Nossa Senhora da Fátima. Que a vinda de Vossa Eminência a esta terra sagrada lhe seja de grande consolação e que, ao partir, leve na alma, como o Santo Padre, uma viva saudade destas horas gastas no Santuário que a Mãe de Deus fundou e tornou objecto da Sua predilecção.

EVOCACÃO DO DIA 13 DE MAIO DE 1967

Não posso, porém, esquecer que Vossa Eminência não se encontra aqui a título meramente pessoal, mas chega até nós investido da excelsa qualidade de enviado do Santo Padre, o Papa Paulo VI, para fazer o encerramento das Celebrações Cinquentenárias a que Sua Santidade, em Pessoa, faz amanhã um ano, Se dignou dar começo.

Como não lembrar neste momento, Eminência Reverendíssima, esse dia 13 de Maio de 1967, em que uma multidão imensa teve a dita sem par de ver junto de si o «Peregrino dos peregrinos», peregrino humilde, como Sua Santidade Se quis nomear a Si mesmo, a orar com os Seus filhos aqui presentes pelas intenções mais a peito ao Seu coração de Pai e Pastor: a paz e unidade na Igreja, a paz no mundo?

Recordamos todos as palavras e exortações do Vigário de Cristo, tão claras, tão oportunas, tão quentes e sentidas, e, mais ainda, a lição muda mas eloquente da Sua piedade irradiante, da Sua simpatia conquistadora

■ CONTINUA NA 2.ª PÁGINA

Encerramento do Cinquentenário

— VEM DA PRIMEIRA PÁGINA —

que arrebatou até o coração dos que não tinham fé e foi motivo de regresso à prática religiosa de alguns que dela andavam afastados. Por muitos anos que o Senhor nos dê de vida não mais passará da lembrança a memória desse grande dia — o maior de Fátima, depois das aparições — e cada peregrino, do mais alto ao mais humilde, e cada telespectador, guarda na retina a imagem querida de Paulo VI, Peregrino de Fátima.

O Monumento a Paulo VI

Mau grado, porém, esta doce e inextinguível lembrança e se terem fixado alguns dos mais altos momentos desse dia impar em produções magníficas do cinema, da rádio e televisão, nas páginas de tantos jornais e revistas nacionais e estrangeiras e de tantos outros brilhantes documentários, de carácter artístico e literário, aparecidos na altura e durante o Cinquentenário, não poderíamos deixar de assinalar tão histórica data com um monumento de natureza mais duradoura. Foi o que resolveu fazer a Comissão Central do Cinquentenário, com o aplauso do Venerando Episcopado Português e concurso dos peregrinos.

Este monumento, Eminentíssimo Senhor, além de concretizar no bronze o nosso reconhecimento e o de todos os devotos de Nossa Senhora da Fátima, de Portugal e do Mundo inteiro, por graça tão assinalada, e ficar a lembrar aos vindouros dia tão singular, quer ser também símbolo e prova do nosso inabalável amor e dedicação ao Vigário de Cristo e de fidelidade inquebrantável à Sé de Pedro. Não é o apego fiel à Sé de Pedro timbre da nossa Pátria que de há séculos goza do honroso epíteto de «Nação Fidelíssima»?

E ninguém poderá maravilhar-se de que seja Paulo VI, que o Senhor guarde, proteja e conserve e encha de todas as bênçãos e de todos os bens, de que seja Paulo VI, digo, a figura que concentra a nossa gratidão.

Como não havia de ser assim depois do que Sua Santidade disse no memorando encerramento da III Sessão do Concílio, do que o ano passado escreveu nas credenciais do seu Legado «a latere», o Em.^{mo} Cardeal Costa Nunes, depois de ter honrado este Santuário com dons preciosíssimos, entre os quais avulta a Rosa de Ouro, e, sobretudo, após a Sua histórica vinda a este mesmo Lugar Sagrado?

Por tudo isto e por tudo o mais que, por brevidade, sou forçado a omitir, se mandou erguer aqui o monumento que Vossa Eminência é convidado a, daqui a momentos, dar-nos a honra de inaugurar. Quisemo-lo assim, Eminência, a eternizar no bronze o momento culminante da vinda do Papa a Fátima, no qual, diríamos, Sua Santidade se encontra em êxtase diante da Imagem da Virgem de Fátima.

E sentimo-nos contentes por ter confiado essa incumbência ao talento do grande escultor Joaquim Correia, filho desta Diocese, que, por mérito próprio, ocupa lugar de destaque entre os seus pares e o alto cargo de director da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e, com esta obra, engasta na sua coroa de glória de artista a gema mais preciosa.

Bem quereríamos, Eminência, ter promovido a construção dum monumento que estivesse mais em proporção com o talento do artista, com a dignidade do Augusto Homenageado e com a grandeza do facto que comemora. As circunstâncias, porém, não nos permitiram fazer mais. Digne-se Vossa Eminência levar ao Santo Padre Paulo VI a afirmação espontânea de que este monumento de bronze e de mármore é apenas a exteriorização material de

um outro que nem o tempo desfaz nem os homens podem destruir — o que Sua Santidade pessoalmente gravou de forma indelével na alma e no coração de cada um de nós.

Conserva-se equilibrada e intacta a devoção da gente portuguesa à Rainha do Mundo

Pedia licença para acrescentar mais uma palavra.

Encerra-se hoje e amanhã a série de festividades comemorações em que tomaram parte multidões incalculáveis que, a exemplo do Pai Comum dos Fiéis, aqui vieram juntar as suas preces às do Vigário de Cristo.

Nos congressos, nas peregrinações ou isoladamente, nos dias grandes ou de menor movimento foi um corrupio de peregrinos vindos de todas as nossas províncias e Dioceses e praticamente de todas as Nações onde se respeita ao homem a liberdade fundamental e inalienável de prestar culto a Deus e de erguer as mãos ao Céu. Mais do que nunca, tornou-se o Santuário em imenso braseiro aonde as almas vieram aquecer-se e afervorar-se.

Vieram grandes e pequenos, vieram governantes e gente do povo, peregrinos de todas as condições sociais.

Juntaram-se aqui os Pastores com as suas ovelhas, os representantes do povo com os seus munícipes, forças da ordem, religiosos.

Não houve espectáculos nem realizações profanas que chamassem a atenção, e não temos pena disso.

O Santuário foi durante este ano cinquentenário igual a si mesmo, sem pretensões e sem profanação ou esquecimento das características dadas pela Mãe de Deus na Sua Mensagem maternal — o Santuário da oração e da

RESPOSTA DO SR. CARDEAL PÉRICLES FELICI ENVIADO DO PAPA

O Senhor Cardeal Péricles Felici respondeu nos seguintes termos à saudação do Senhor Bispo de Leiria:

Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, Senhor Bispo de Leiria e demais Irmãos no Episcopado,

Excelentíssimas Autoridades, Peregrinos e Fiéis caríssimos!

Ao pisar a terra abençoada de Fátima e ao usar pela primeira vez em público a vossa bela língua portuguesa, que tenho pena de não saber falar com maior perfeição, quereria, antes de mais, saudar-vos a todos cordialmente, em nome do Santo Padre, a Quem represento, assegurando-vos a Sua muita estima de Pai amantíssimo, e, também, em meu nome pessoal.

Desejaria, depois, quanto possível, fazer-vos comungar dos meus sentimentos, neste momento, para mim inolvidável. Na verdade, a minha alma prostra-se em grata adoração, diante do Altíssimo, e, com Maria e por Maria, glorifica o Senhor, que por Ela aqui continua a operar maravilhas: com efeito, o espectáculo que tenho diante dos meus olhos e a vossa atitude, a um tempo entusiasta e devota, fazem-me recordar e referir-vos aquela palavra do Senhor: «que os homens vejam as vossas boas obras e dêem glória ao Pai que está nos céus». (Mt. 5, 16).

Sim: o exemplo que estais a proporcionar ao mundo de hoje — exem-

penitência, com o convite à emenda e melhoramento da vida.

E agora que o Cinquentenário se encerra, Fátima continuará a ser um centro de irradiação de vida de piedade e de vida apostólica, um lar onde a Diocese de Leiria fraternalmente dará as boas-vindas a quantos se procurarem acolher ao silêncio e ao recolhimento deste local santificado pela presença da Mãe de Deus, a fim de permitirem que o Espírito Santo refaça as suas energias espirituais.

Pode Vossa Eminência Reverendíssima assegurar ao Santo Padre que, enquanto vivermos, enquanto esta terra bendita continuar a empapar-se de lágrimas e de sangue e daqui se elevarem ao trono da Mãe de Deus e por Ela à Trindade Santíssima as preces fervorosas dos milhões dos seus peregrinos, estarão aqui sempre presentes as mais urgentes intenções da Santa Igreja e de Sua Santidade.

Terá Vossa Eminência ocasião de observar como se conserva equilibrada e intacta a devoção da nossa gente à Rainha do Mundo, sem condenáveis excrescências nem certas hesitações ou recusas contrárias ao pensamento do Papa, ao sentir da Igreja e à clara doutrina do Concílio do Vaticano. Como com essa devoção se casa harmoniosamente e sem atritos o amor para com o Filho, sobretudo no Mistério Eucarístico do Santo Sacrifício da Missa e da recepção da Sagrada Comunhão e como, pelo ministério dos Sacerdotes, Fátima se transforma numa nova Probática Piscina, onde tantos readquirem a vida divina e vêm ao encontro do Pai. Na verdade o mar de luz em que a Cova da Iria daqui a pouco parece transformar-se é imagem apagada mas sugestiva do calor e da caridade em que as almas se abramam para com Cristo, Senhor Nosso, e para com Maria Santíssima, Sua e nossa Mãe.

Ao terminar e pedindo a Vossa Eminência Se digne dar-nos, na altura própria, uma primeira e promissora Bênção Pontifical, faço votos ardentes por que o Céu ouça as nossas humildes orações e dê aos cristãos e à Santa Igreja a unidade e ao Mundo inteiro o almejado e tão necessário dom da paz.

do sentido exacto dos imperativos da vossa fé, de espírito de sacrifício, de adesão à Igreja, pela adesão ao seu Supremo Pastor — constitui, sem dúvida, neste Ano de Fé, um testemunho edificante, para todos aqueles que dele se quiserem aperceber.

Palavras de agradecimento

Quis Vossa Excelência, Senhor Bispo de Leiria, com as suas palavras calorosas, começar por referir-se, em termos cativantes, à minha humilde pessoa e, com amável e requintada gentileza, dar-me as boas-vindas. Sensibilizado, quero neste momento, colocar tudo o que de bem possa ter feito ou venha ainda a fazer ao serviço da Santa Igreja, nas mãos de Maria, aqui no Seu Santuário de Fátima, para que Ela o apresente, revestido dos seus próprios méritos e dos do seu divino Filho, ao Pai das Misericórdias, como preito filial, de quem muito Lhe está penhorado.

Desejo, outrossim, exprimir o meu sincero reconhecimento, pelas palavras repassadas de amizade e consideração de Vossa Excelência Reverendíssima, pela presença honrosa e amiga do Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, dos Senhores Bispos, das Autoridades e de todos vós, peregrinos de Fátima: que Deus vos pague por tão fidalgo acolhimento, enchendo-vos das Suas bênçãos, assim como a todo o bom povo de Portugal, cuja hospitalidade é já proverbial e está, uma vez mais, a ser comprovada aqui.

Peregrino

como o Santo Padre

Como o Santo Padre, faz amanhã um ano, venho também eu a Fátima, como peregrino, melhor, qual Seu Enviado Especial, venho continuar a Sua peregrinação; para além da celebração festiva de uma data, venho com muito gosto e alegria a este encontro de irmãos, para, na sintonia de sentimentos, na sintonia da caridade, com todos vós, peregrinos, em espírito da oração e de penitência, continuarmos a rezar e a sacrificar-nos, pelas intenções que aqui trouxeram o Papa, isto é, pelo triunfo do Amor na Igreja e no mundo inteiro, pela consecução do «inestimável dom da paz».

Que a Senhora Se digne receber-nos,abençoar-nos e apresentar-nos ao seu divino Filho, a Cristo Ressuscitado e Glorioso; e que amanhã, ao partirmos da Fátima, após estas horas de intimidade com Jesus, com Maria e uns com outros, nesta assembleia de Filhos de Deus, vamos todos inflamados de uma alegria e de um ardor, semelhantes aos dos Apóstolos, que neste Tempo Pascal a Liturgia nos propõe, para nossa edificação; que as nossas almas possam irromper naquele grito de júbilo e de triunfo, «Vimos o Senhor», não já com os olhos do corpo, bem entendido, mas com os olhos da nossa fé; e que o nosso empenho em darmos aos outros que não puderam ou não quiseram vir, esta boa nova, seja tal, que também eles sejam impelidos a procurá-lo, porque Ele é «a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo». (Jo. 1, 9).

Demonstração do sentir com a Igreja

Agora, encontramos aqui, Irmãos, como muito bem evidenciou o Senhor Bispo de Leiria, para render homenagem ao Sumo Pontífice, ao Vigário de Cristo felizmente reinante, Sua Santidade Paulo VI: na qualidade de Seu Enviado Especial, com gratidão imensa a inundar o meu coração, por tão subida honra, para Ele endereço as vossas e as minhas saudações filiais, respeitadas e afectuosas.

Ao «doce Cristo na terra», depois, ao regressar a Roma, referirei, de muito bom grado, não só a inauguração deste monumento, gesto cuja nobreza se impõe por si; e não só as palavras vibrantes de devoção do Senhor Bispo de Leiria, que bem expressam, estou certo disso, os sentimentos de todos vós; mas, referir-Lhe-ei sobretudo o amor que me é dado auscultar em todos vós e compartilhar convosco: amor à Igreja, no amor reconhecido ao Papa que veio a Fátima, que vos levou a erigir-Lhe este monumento e que vos tem congregado, nesta hora, qual família dos filhos de Deus, à volta do representante do Pai amantíssimo das vossas almas, para viver uma alegria familiar. E, estou certo de que no Seu coração paternal, há-de calar bem fundo esta prova de «sentir com a Igreja», destes Seus filhos caríssimos da terra de Santa Maria. Em Seu nome, pois, e com aquela simplicidade que todos sabemos ser-Lhe tão querida, digo-vos: muito e muito obrigado. — E formularei um voto: que a delicadeza de alma e sensibilidade espiritual de uma geração que este monumento, a inaugurar em seguida, seja já agora, para todos nós aqui presentes, um impulso novo, para uma adesão, cada vez mais consciente, mais firme e mais desassombada à Cátedra de Pedro, através da adesão Àquele que neste momento a ocupa, de cuja solicitude e preocupações, à dimensão do mundo, todos queremos compartilhar, em Igreja, em Corpo Místico.

Que o Senhor o conserve e o conforte sempre, o cumule de todas as bênçãos e o defenda de todos os males!

Homilia do Sr. Cardeal Felici (13-5-1968)

Meus caríssimos irmãos

DEMOS graças ao «Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação» (II Cor. 1, 3) que nos concede a alegria de celebrarmos, em comunhão de espírito, o encerramento do Cinquentenário das Aparições da Virgem Mãe de Deus, neste recanto privilegiado da gloriosa terra de Portugal. Demos graças a Maria que, no volver de meio século, desde aquele dia memorável, em que se dignou dar à humanidade, através de crianças inocentes, uma mensagem que a convida à oração e à penitência pela paz no mundo, até aos dias de hoje, multiplicou, não só neste local, mas no mundo inteiro, os seus benefícios, marcados com o toque suave da sua mão materna.

Encerramos solenemente o Cinquentenário, no mesmo lugar onde há um ano precisamente — recordamo-nos todos com emoção — o Supremo Pastor da Igreja, o Santo Padre Paulo VI, rodeado de Cardeais, de Bispos, de sacerdotes, de religiosos e de uma multidão inumerável de peregrinos, que aqui vieram de todas as partes da terra, quis render à Virgem da Cova da Iria, em nome de toda a Igreja, homenagem de devoção e de veneração. Tal homenagem teve o seu momento talvez mais expressivo, na oferta de um rosário precioso, colocado com profunda união espiritual, nas mãos da Imagem veneranda, que aqui temos ante os nossos olhos.

Para o Sumo Pontífice, para o Pai amantíssimo das nossas almas, em nome de Quem tenho a subida honra de presidir a esta celebração, vai nesta hora o nosso pensamento devoto, reconhecido e afectuoso. Num momento histórico, em que a Igreja, continuando muito embora a ser o sinal de salvação levantado diante das nações (Cfr. Is. 5, 26), tem de enfrentar grandíssimas provas, para cumprir a missão de bem que lhe foi confiada por Cristo, unamo-nos compactamente em volta d'Aquele que representa na terra «o Bispo e Pastor das nossas almas» (I Pedr. 2, 25); prometamos-lhe, ainda uma vez, fidelidade e obediência, para a unidade da Igreja; e desejemos-lhe todos, em coro, a plenitude das forças e energia: «Dominus conservet eum et vivificet eum» (Salm. 40, 3). Se estivermos com o Papa, estamos com Jesus, estamos com Maria, estamos com a Igreja, a qual nasceu do peito trespassado do mesmo Jesus e tem em Maria a sua Mãe.

Ao recordar as manifestações de Maria, nesta Cova abençoada, afigura-se-nos que a sua doce imagem se nos torna presente, ante o nosso olhar devoto e atônito; parafraseando Camões — «presença serena | que a tormenta amansa | nela enfim descansa | toda a nossa pena». E, espontaneamente, uma exclamação irrompe dos nossos corações: «Quem é esta, que assim nos aparece, fulgida como a aurora, bela como a lua, e brilhante como o sol?» (Cfr. Cant. 6, 9).

Ela, a protagonista de tantas glórias, não nos vai certamente responder, com uma voz sensível, como outrora às crianças inocentes; mas, de maneira certa e segura, responder-nos-á a nossa fé, que os Padres e Doutores da Igreja, sob as directrizes do Sumo Pontífice, no Segundo Concílio do Vaticano, consagraram em páginas estupendas, que vieram juntar-se, completando-as e aperfeiçoando-as, àquelas magníficas, escritas pelos Padres de Éfeso e Calcedónia.

Maria é-nos aí apresentada como membro de eleição dentro da Igreja, como a sua figura e tipo, como modelo que a mesma Igreja deve venerar e imitar, como sinal de esperança e de consolação para o Povo de Deus peregrino. (Cfr. Const. Dogm. sobre a Igreja, «Lumen Gentium», cap. VIII).

Maria é a filha de Adão, predestinada desde a eternidade para ser a Mãe do Verbo Incarnado, sua companheira generosa na obra da Redenção da humanidade, e, por isso mesmo, imaculada desde a sua concepção, sempre virgem e cheia de graça. Em obediência pronta à voz de Deus, assim afirma o Vaticano II, «Maria tornou-se Mãe de Jesus; e, não retida por pecado algum, abraçou com generosidade o designio salvador de Deus e consagrou-se totalmente, qual Escrava do Senhor, à pessoa e obra de seu Filho, servindo assim, subordinada a Ele e juntamente com Ele, o mistério da Redenção, pela graça de Deus» (L. G. n.º 56). Maria tornou-se deste modo causa da nossa salvação, desatando com a sua obediência o nó da desobediência de Eva e tornando-nos a dar, com a sua fé, aquilo que a incredulidade de Eva nos tinha miseravelmente tirado. Donde, o chamar S. Epifânio a Maria «Mãe dos viventes» (Hæc. 78, 18 P. G. 42, 728), e S. Jerónimo, em uníssono com muitos outros Padres da Igreja, afirmar, em frase lapidar: «a morte por meio de Eva, a vida por meio de Maria» (Ep. 22, 21 P. L. 22, 408).

Toda a vida de Maria, de cujo seio se desprende e brilhou «a luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo» (Jo. 1, 9), se desenrola em comunhão íntima com a de Jesus. Maria é a primeira e a mais excelsa criatura a reproduzir em si não só os traços físicos do mesmo Jesus, que Ela mesma Lhe transmitiu com a geração humana, mas também, e mais ainda, a fisionomia espiritual e sobrenatural. A afirmação de São Paulo — «eu vivo, mas já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim» (Gal. 2, 3), tem a sua primeira plena realização em Maria.

Com efeito, como elegantemente diz o Padre Vieira, comentando Santo Ambrósio, «ninguém se deve maravilhar de que havendo de dar princípio o Redentor à obra da Redenção do mundo, começasse por sua Mãe, para que Ela que o havia de ajudar na Redenção de todos, fosse a primeira que

(Continua na página seguinte)

Após os discursos, o Sr. Cardeal encaminhou-se para o monumento a Paulo VI que inaugurou e, em seguida, dirigiu-se, na companhia dos Prelados, para a Capelinha das Aparições onde orou por uns momentos. Depois dirigiram-se para a tribuna erguida na escadaria da Basílica.

A aguardarem Sua Eminência estavam, junto à tribuna, os secretários de Estado da Presidência do Conselho, da Administração Escolar e da Juventude e Desportos.

O Cardeal enviado do Santo Padre deu então a bênção pontifical aos muitos milhares de peregrinos que já se encontravam no Santuário.

As 22 horas, houve exposição solene do Santíssimo Sacramento, seguida de oração com pregação pelo Senhor Bispo Auxiliar de Braga. Depois, procissão eucarística com velas e bênção do Santíssimo Sacramento.

Da meia-noite até às seis da manhã, houve turnos de adoração.

As seis e meia, depois duma noite inteira de adoração eucarística e de penitência, celebrou-se missa com comunhão geral. Receberam Jesus para cima de 43 mil peregrinos. Foi celebrante o Bispo Auxiliar do Porto, Senhor D. Alberto Cosme do Amaral.

Realizou-se, a seguir, uma romagem a Aljuz onde muitos peregrinos tiveram oportunidade de ver bem de perto os locais onde nasceram e viveram os três pastorinhos videntes. Principalmente os peregrinos estrangeiros apreciaram muito o Calvário Húngaro onde oraram pela Igreja do Silêncio.

As 10 horas, recitou-se o terço com cânticos e procissão da imagem de Nossa Senhora da capelinha para o lado direito do altar.

Seguiu-se missa concelebrada, presidida pelo Cardeal Felici. Concelebraram os Prelados nacionais e estrangeiros que estiveram presentes nas cerimónias.

Estavam presentes, em lugar de relevo, do lado do Evangelho, o Chefe do Estado, sua esposa e filha, presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, ministros do Interior e das Corporações, secretários de Estado da Presidência, Administração Escolar e Juventude e Desportos, o Sr. Duque de Bragança e D. António de Faria, embaixador de Portugal na Santa Sé.

Ao Evangelho Sua Eminência leu a homilia que publicamos, a seguir, com o merecido relevo.

A seguir à entoação do Credo, Sua Eminência rezou a oração dos fiéis, que fez preceder destas palavras:

O Santo Padre recomendou-me o seguinte: «Leve a Nossa bênção à Igreja de Portugal, ao Cardeal Patriarca de Lisboa, a todo o Episcopado mas especialmente ao Bispo de Leiria e a todos os fiéis. Rezem todos pelas intenções da Santa Igreja e pelas Nossas intenções».

Estas intenções eram:

Por uma Igreja viva, unida, verdadeira e santa. Pelas nações atormentadas pela guerra, e pelos povos para que todos escutem o apelo daqui feito pelo Papa para que encontrem a paz das almas e das armas na justiça e na caridade de Cristo.

Estas intenções foram, em seguida, traduzidas em espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, húngaro, grego, checoslovaco, russo e chinês.

No final da missa, o enviado do Santo Padre deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos 260 doentes oficialmente inscritos. Antes, rezou-se a oração que o Papa ali empregara no mesmo dia do ano passado.

Foi então anunciado que Sua Santidade Paulo VI iria falar directamente de Roma pela Rádio. As centenas de milhares de peregrinos, que se apinhavam dentro do Santuário, ouviram, comovidas e em silêncio, a voz grave de Sua Santidade! Reviveram-se os momentos de delírio de um ano antes! Fora do Santuário a voz do Santo Padre também foi escutada e as aclamações também se fizeram ouvir.

No final, o Senhor Bispo de Leiria ergueu vivas ao Santo Padre, ao seu enviado e à Santa Igreja. A multidão dos peregrinos, dentro e fora do Santuário, respondeu às aclamações. Em seguida, o Senhor Bispo de Leiria leu o texto dum telegrama que iria enviar ao Santo Padre e que publicamos no fim desta crónica.

Depois, o Cardeal Felici deu a todos os presentes a bênção papal. Organizou-se a Procissão do Adeus. O andor foi conduzido aos ombros de oficiais do Exército e por sacerdotes. Abriam o cortejo bandeiras dos países representados por peregrinações das respectivas nacionalidades. Viam-se as cores da Argentina, Brasil, Canadá, Estados Unidos, México, Japão, Vietname, Alemanha, Bélgica, França, Itália, Espanha, Áustria, Rodésia, etc.

Assim terminaram as cerimónias do encerramento do Cinquentenário das Aparições na Fátima! Mais de meio milhão de peregrinos de todas as partes do globo se quiseram associar nesta jornada de gratidão à Mãe de Deus pelas inúmeras graças concedidas ao longo destes cinquenta anos.

Telegrama

do Sr. Bispo para o Santo Padre

«Neste dia do solene encerramento das Comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora, profundamente comovido, em meu nome pessoal, em nome de todo o Episcopado Português e de mais de meio milhão de peregrinos, venho agradecer a Vossa Santidade a veneranda Mensagem, a Bênção Apostólica, a presença do Eminentíssimo Senhor Cardeal Péricles Felici, como Enviado especial, por meio de quem Vossa Santidade se dignou estar conosco em espírito, como há um ano com a Sua presença pessoal abriu esta solene comemoração.

Prometo continuar a pedir à Mãe do Céu pela pessoa de Vossa Santidade que tanto amamos e pelas Suas augustas intenções, em especial pela união dos Cristãos, pela evangelização dos povos e pela Paz do Mundo.

Prostrado humildemente aos pés de Vossa Santidade, recordo com saudade o dia 13 de Maio e peço humildemente se digne abençoar toda a multidão de peregrinos que piedosamente aqui acorrem de todo o Mundo e em especial a gente portuguesa.»

De Leão XIII, autor de 12 Encíclicas sobre o Rosário, dizia o Cardeal Touchet: «Quando não trabalha, recita o seu Rosário».

«Se o Papa não recita o seu Rosário, dizia Pio XI, o Papa não reza... O dia do Papa não acaba enquanto não acaba a reza do seu Rosário».

Homilia do Cardeal Felici (Vem da página anterior)

na mesma Redenção colhesse os frutos do fruto do seu ventre» (Sermões, vol. X, Porto, 1908, p. 116). *E assim é que não se pode pensar em Maria sem que nos acuda logo à mente o pensamento de Jesus, que é o autor da sua nobreza, da sua santidade e da sua glória.*

Quem na verdade ama e venera Maria em nada detrai o culto e o amor devido ao único Redentor e Mediador; pelo contrário, toda a honra que possa prestar-se a Maria aumenta a honra devida ao seu Filho, ao qual Ela está intimamente unida. (Cfr. L. G. n.º 62). Não foi acaso o próprio Jesus quem nos deixou um exemplo, que podemos considerar único, de amor filial, para com a sua Mãe dulcíssima? E não encontrou o mesmo Jesus refúgio no seio de Maria e a sua habitação dilecta no coração imaculado da Mãe?

Em virtude desta íntima conjunção com o Filho de Deus, Maria está também intimamente unida com a Igreja, da qual Ela é, não só membro e figura, mas também a Mãe que na verdade cooperou com amor materno na regeneração e formação de todos aqueles que foram resgatados pelo Sangue do Salvador, reflectindo — neles — os imperativos mais altos da fé. (Const. L. G. n.º 65). Ademais, mostrou, com a sua gloriosa Assunção em corpo e alma, os radiosos horizontes celestes, onde a Igreja, que agora ainda peregrina sobre a terra, virá a atingir a sua perfeição no tempo futuro. (Cons. L. G. n.º 68).

Extasiados diante desta visão do Paraíso, prostremo-nos aos pés da Virgem Santíssima e invoquemo-La com aqueles títulos repassados de ternura, ordenados em prece litânica, que lhe tributaram os Padres do Vaticano II e que bem resumem a devoção da Igreja para com a humilde Serva do Senhor:

Salve, Maria, Filha bendita do Pai, Imagem esplendorosa de Deus, Sacrário do Espírito Santo, Mãe de Deus, alma Mãe do Redentor, Mãe do Sacerdote eterno, Virgem beatíssima e santíssima, Imaculada, nova Eva, Mulher Ideal, Mãe virginal, Mãe dos vivos, Mãe dos Apóstolos, Advogada, Auxílio dos Bispos e dos Cristãos, Mediadora da Graça, Filha e Mãe da Igreja, Sinal certo de Esperança, Causa da nossa alegria...

Sim! Ó Mãe, tesouro de fé, exemplo de esperança, chama ardente de caridade, ensina-nos e ajuda-nos a acreditar em Cristo, nosso único Salvador, a esperar os bens celestes, a amar com todo o coração a Deus, que é Caridade e Amor supremo, a amar Jesus, Caminho, Verdade e Vida (Jo. 14, 16) e paz das nossas (Ef. 2, 14).

Mas, enquanto assim se desprende de nossos lábios o canto repassado de alegria à Mãe, parece que a sua voz materna, em resposta, nos repete ainda aquelas palavras que há cinquenta anos fez ouvir e que contêm uma mensagem de paz, daquela paz que o mundo procura com afã, mas que, infelizmente, não pode dar. A paz há-de vir-nos do Vencedor da morte e do pecado, e hemos de consegui-la por intercessão de Maria, Rainha da Paz, pomba celeste que traz consigo o ramo de oliveira.

Escutemos, pois, a sua voz que nos convida à oração e à penitência: oração e penitência que, hoje em dia, tantos homens, demasiado confiantes nas suas conquistas, esquecidos não raro da ferida original, apesar da presença contínua da dor e da morte nos seus caminhos, dão a impressão de haver esquecido, se é que não chegam mesmo a desprezá-las, como costumes de tempos passados e superados.

E, no entanto, como bem nos recorda a nossa Mãe, é na oração e na penitência que está o segredo da nossa paz interior, da paz nas famílias e da paz no mundo.

É bom recordar, neste momento, com quanta insistência o Segundo Concílio do Vaticano recomenda também, a todos, a oração; não só a pública e litúrgica, mas também a privada e pessoal, colóquio íntimo com Deus, que é prelúdio da eterna contemplação, reservada aos eleitos, aos amigos do mesmo Deus. É necessário orar e orar sempre. A oração humilde e confiante é a nossa força. Daí, a insistência unânime a que oremos: convida-nos a isso Jesus, exorta-nos Maria, tenta persuadir-nos a Igreja, pela voz dos seus Pastores, e, sobretudo, pelo caloroso apelo do Sumo Pontífice.

Depois, a penitência, a mortificação, para a qual a Virgem Santíssima tanto nos alerta, faz, também ela, parte da nossa vida cristã; de tal maneira que, sem ela, a vida de um discípulo de Cristo não se compreende. De facto, Cristo, nosso Redentor e nosso Modelo padeceu e sofreu por causa dos nossos pecados e foi precisamente através da sua obediência e mortificação que nós fomos salvos. Sofreu também, pela nossa Redenção, Maria, a Senhora das Dores: «Um místico sofrer... uma ventura | feita só de perdão, só de ternura | e paz da nossa hora derradeira», como disse um dos vossos grandes poetas (Antero de Quental). Abraçando a cruz de Cristo, encontraram a salvação plêiades inumeráveis de homens e de mulheres que agora no Céu entoam o hino de glória ao Cordeiro, sacrificado pela salvação de todos.

Também neste ponto, notamos hoje, infelizmente, em muitos, mesmo daqueles que se dizem cristãos, um acomodar-se, um quase ceder ao espírito do mundo, daquele mundo que não quis reconhecer Cristo (Cfr. Jo. 1, 10) e pelo qual o mesmo Cristo não orou (Cfr. Jo. 17, 9); daquele mundo que só encontra a sua satisfação no orgulho, na concupiscência, no apego às riquezas efêmeras da terra (Cfr. 1 Jo. 5, 19; 2, 16).

O Vaticano II convida insistentemente os Presbíteros e, através deles, todos os fiéis «a imitar aquilo que tratam, no sentido de que, celebrando o mistério da morte do Senhor, devem procurar mortificar os seus membros dos vícios e concupiscências» (Decr. Presbyterorum Ordinis, n.º 13).

Vida do Santuário

EXPOSIÇÃO FILATÉLICA INTERNACIONAL MARIANA

Foi inaugurada, no dia 12 de Maio, a I Exposição Filatélica Internacional Mariana.

Presidiu o Sr. Bispo de Leiria. Assistiram os Srs. D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria e Presidente da Comissão Executiva, Bispos de Viseu, da Guarda, de Porto Amélia e Bispos Coadjuutor de Lamego e Auxiliar de Braga.

Estavam também presentes o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, o representante da Administração Geral dos C. T. T., o eng. chefe do Serviço de Telecomunicações de Santarém, o chefe da Circunscrição da Exploração Postal do Ribatejo, os membros da Comissão Executiva, Mons. António Antunes Borges, Reitor do Santuário, Prof. Dr. Carlos Trincão, presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, Artur de Santa Bárbara, Presidente da União Filatelista S. Gabriel, Dr. Rui Acácio da Silva Luz,

Presidente da Comissão Regional de Turismo de Leiria, Mário von Stein, chefe da estação dos C. T. T. da Fátima, Eduardo Brito, Coronel António Luís Tadeu, P.º João Lusven e Francisco Pereira de Oliveira, comissário geral do certame.

À porta, muita gente, principalmente filatelistas amadores, esperava o momento de poder adquirir sobrescritos comemorativos que imediatamente começaram a vender-se.

Até ao dia 26 de Maio, data do encerramento da Exposição, funcionou no recinto um posto de correio para apor a toda a correspondência o carimbo do primeiro dia.

Visitámos a Exposição. Impressionou-nos o modo como ali, num pequeno espaço, se encontravam tantos milhares de selos, oriundos das mais diversas regiões e pertencentes a filatelistas de fama internacional.

Pelo que nos foi dado apreciar, o trabalho realizado para pôr de pé esta organização teve o seu justo prémio no modo como apareceu ao público e no interesse que provocou. Ficará de certo como um marco nas comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Fátima.

PEREGRINAÇÃO DE 200 CIGANOS DO ALENTEJO

Realizou-se, no dia 30 de Abril, uma singular peregrinação ao Santuário da Cova da Iria para comemorar o cinquentenário das aparições de Nossa Senhora. Cerca de 200 ciganos que habitualmente residem na região do baixo Alentejo: Évora, Elvas, Portalegre, Campo Maior, Beja, Souzel, etc., efectuaram a primeira peregrinação organizada de ciganos à Fátima. Concentraram-se em Évora donde vieram em 4 camionetas.

Os ciganos fizeram a sua entrada no recinto a cantar o «Ave da Fátima», dirigiram-se à Basílica onde ouviram missa celebrada pelo P.º Filipe de Figueiredo, de Évora, principal organizador e impulsor desta peregrinação, coadjuvado pelos Dr. Clemente Ramos, Joaquim Maria Fernandes e Joaquim Lopes e por duas religiosas concepcionistas.

Ao evangelho o celebrante dirigiu a palavra de afervoramento religioso aos peregrinos e suplicou as bênçãos da Virgem da Fátima para todos os ciganos de Portugal.

Os peregrinos fizeram ainda a procissão das velas, na qual rezaram o terço e cantaram, e a via-sacra aos Valinhos, assim como uma procissão com Nossa Senhora, com que terminaram a sua peregrinação.

A todos foram distribuídas estampas, medalhas e terços que os ciganos guardaram religiosamente.



O Sr. CARDEAL FELICI SAÚDA OS PEREGRINOS À SUA CHEGADA AO SANTUÁRIO

Ressoam ainda hoje, e com toda a sua validade, as palavras do Senhor: «Se não fizerdes penitência, morrereis» (Lc. 13, 5). E, aos homens do nosso tempo, a Igreja com cuidados de Mãe que não temos aqui, sobre a terra, uma habitação permanente, mas a nossa casa, a nossa verdadeira pátria, é o Céu: a Pátria dos crucificados com Cristo.

Enquanto que por toda a parte se multiplicam os esforços para que seja hasteado o ramo de oliveira, sinal da paz, e esta torne feliz e tranquila a terra inteira, prestemos ouvidos ao nosso Venerando Sumo Pontífice, o qual com uma generosidade e abnegação admiráveis, proclama ao mundo a mensagem evangélica da paz; ouçamos todos, por ocasião desta reevocação cinquentenária de Fátima, também a voz da Mãe, e seja doravante mais generoso o nosso empenho na oração e mortificação.

É este o presente mais belo que podemos oferecer a Maria Santíssima, nesta data festiva e sempre. Ofereçam-no, pois, os sacerdotes, parte eleita do Povo de Deus, que com o seu ministério de pacificação e salvação fazem viver nas almas Cristo Senhor; ofereçam-no os religiosos que, com a dedicação exigida pela sua profissão, prestam um testemunho bem claro dos valores eternos, aos quais a humanidade está destinada; ofereçam-no ainda as fileiras inumeráveis de leigos, a quem o Concílio recorda, de modo muito particular, o sagrado dever de animar de espírito cristão o mundo em que vivem e em que trabalham; ofereçam-no também com a generosa oferta dos seus sofrimentos, que se tornaram preciosos pela cruz de Cristo, todos os doentes, especialmente os que estão aqui presentes, por entre os quais vão passar daqui a pouco o próprio Jesus Sacramentado e, depois d'Ele, na sua Imagem, a celeste Advogada e Consoladora, a Virgem Maria.

E que a Mãe da Igreja tenha misericórdia de todos nós, pecadores, e oiça as nossas preces ardentes que imploram, para a Igreja e para o mundo inteiro, santidade, justiça, caridade e paz.